

# O que Amsterdã tem a ver com Copenhague? Da subjetividade em Kierkegaard até o ego humano em Dooyeweerd

What has Amsterdam to do with Copenhagen? From subjectivity in Kierkegaard to the ego in Dooyeweerd

Marlon Girardello<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Pós-graduado em Engenharia de Software no Centro Universitário Católica de Santa Catarina. Pesquisador no Laboratório Invisível – Invisible College – A Multidão é a Mentira?, 2023. marlon.girardello@gmail.com.

## Resumo

Embora a influência de Søren Kierkegaard em Herman Dooyeweerd não ser direta, é possível traçar paralelos e convergências entre os dois autores no que tange a aproximação da filosofia reformacional com a da existência. Portanto, este artigo apresenta uma exposição dos desenvolvimentos filosóficos propostos por Kierkegaard, que podem ter ressoado e sido refinados por Dooyeweerd em vários níveis, desde o conceito de declínio humano até o tema central da filosofia kierkegaardiana — a existência.

## Palavras-chave

Kierkegaard; Dooyeweerd; subjetividade.

## Abstract

Although Søren Kierkegaard's influence on Herman Dooyeweerd was not direct, it is possible to trace parallels and convergences between the two authors regarding the approach to reformational and existential philosophy. Therefore, this article presents an exposition of the philosophical developments proposed by Kierkegaard, which may have resonated with and been refined by Dooyeweerd on various levels, from the concept of human decline to the central theme of Kierkegaardian philosophy — the existence.

## Keywords

Kierkegaard; Dooyeweerd; subjectivity.

## 1. Introdução

O presente artigo busca evidenciar pontos de convergência, divergências e possíveis refinamentos entre a filosofia da existência em Søren Kierkegaard e a reformacional em Herman Dooyeweerd. Embora Kierkegaard tenha influenciado consideravelmente a fenomenologia husserliana e essa influenciado Dooyeweerd em seu ferramental técnico e a estrutura metodológica, limitar-se-á, a crítica, realizada por ambos, quanto ao declínio humano. Em sequência, se realiza uma aproximação das esferas existenciais em Kierkegaard e esferas modais em Dooyeweerd. Logo após, desenvolve-se a abordagem do aspecto histórico na filosofia de ambos. Por fim, o assunto central em Kierkegaard — a existência. Nisso aproximando a filosofia da existência com a reformacional em busca de um entendimento mais refinado quanto ao relacionamento do ser com a existência temporal, com o outro e com Deus.

## 2. Da existência ao reformacional

Søren Aabye Kierkegaard (1813–1855) devido a sua singular vida acabou propondo uma filosofia alternativa muito mais conectada com a realidade. Entretanto, não é porque desenvolveu algo alternativo que o fez em um processo de total ruptura. A Dinamarca em seu tempo sofria fortes influências da Revolução Francesa no teatro, porém, na leitura e na religião estava sob a influência germânica, onde se tinha pelo menos três gerações: A do *Sturm und Drang*, com as grandes figuras de Goethe e de Schiller; a dos românticos Schlegel, Hoffman, Tieck e da Jovem Alemanha, com Heine<sup>2</sup>.

Kierkegaard tem contato literário com estes, além do romantismo filosófico<sup>3</sup> de Fichte, Schelling e sobretudo de Hegel. A doutrina hegeliana, muito influenciada pelo idealismo kantiano, avançava com vigor pela Europa Central. Com isso, os teólogos luteranos começaram a adaptar a doutrina cristã ao espírito da sua época, seguindo um racionalismo abstrato e dedutivo, algo que gerou choques na primeira metade do século XIX. Postura essa posteriormente criticada por Kierkegaard quanto a associação

---

2 MESNARD, Pierre. **Kierkegaard**, Tradução: Rosa Carreira. Lisboa - Portugal. Edições 70, 2003, p. 12-13.

3 Movimento contra certos temas centrais do Iluminismo, especificamente a alegação de que a realidade pudesse ser apreendida pela razão humana. Possuía uma insatisfação em relação às tradicionais doutrinas cristãs e aos racionais chavões ético-morais do Iluminismo. Onde o Iluminismo apelava à razão, o romantismo fazia apelação à imaginação humana e ao senso de mistério.

do Estado e a igreja institucional dinamarquesa em direção ao ideal hegeliano<sup>4</sup>. Sendo assim, surge um movimento em resistência ao hegelianismo que se organiza em torno do filósofo Sibbern e do poeta Moeller. Não demorando muito, Kierkegaard, após superar um período de sedução hegeliana, se reúne ao grupo de resistência, em oposição ao pensamento especulativo germânico, o que se configurou em uma filosofia da existência<sup>5</sup>.

O combate ao caráter objetivo do pensamento hegeliano se tornou um dos pontos centrais da sua obra *Pós-escritos às Migalhas Filosóficas*. Outro ponto marcante de suas obras é como ele categoriza o ser em contato com sua realidade em três estágios: o estético, o ético e o religioso. Para Kierkegaard deveria haver um desenvolvimento que levava o ser em direção ao seu interior, em busca da sua individualidade e subjetividade, sendo essa caminhada em reflexão subjetiva realizada em estágios, em busca do indivíduo tornar a si. Longe de ser uma filosofia objetiva, era, em sua essência, experiencial. Como também essa experiência não era de caráter abstrato, não era uma abordagem de multidão, como o hegelianismo, mas individual. Apesar de contrário ao pensamento de Hegel, a filosofia da existência proposta por Kierkegaard se mantinha dialética, em direção às sínteses. A realização destas se dá por decisão, por saltos<sup>6</sup>, não se baseando em um conhecimento objetivo. Entretanto, não podemos saber, de maneira objetiva, como realizá-las. Ninguém pode ensinar a outra pessoa a ser si mesma<sup>7</sup>.

Herman Dooyeweerd (1894–1977) é considerado por G. E. Langemeijer o filósofo mais original que a Holanda já produziu, incluindo Espinosa<sup>8</sup>. Dooyeweerd, juntamente a Dirk Hendrik Vollenhoven e um grupo considerável de pupilos organizados na *Society for Calvinistic Philosophy* despertaram um florescimento incomum da filosofia em meio aos cristãos reformados. Atuou como jornalista, professor, jurista e foi servidor público do Departamento do Trabalho em Haia.

Originalmente ele esteve sob forte influência, em um primeiro momento da filosofia neokantiana, e depois da fenomenologia de Husserl. Embora o autor não

---

4 Conforme escreveu Karl Lowith, em sua obra de *Hegel a Nietzsche*, o Estado para Hegel “já é em si mesmo o substancial, ou seja, a plenitude espiritual objetiva e o ético, também o indivíduo só terá substância, objetividade e eticidade enquanto levar uma vida ‘universal’, ou seja, política [...] É apenas aparentemente o resultado de um desenvolvimento dialético da sociedade moderna”. Ou seja, temos que Hegel se desenvolveu em direção de um tipo Estado, que tinha como ponto fundante o historicismo para que fosse possível uma síntese dialética.

5 MESNARD, 2003, p. 13.

6 O conceito de salto em Kierkegaard está mais conectado com a ideia do paradoxo, que é largamente trabalhada em seus escritos, do que com a síntese nos moldes hegelianos.

7 ROSS, Jonas. **10 lições sobre Kierkegaard**. 2ª ed. revista - Petrópolis/RJ: Vozes, 2022, p. 139.

8 KALSBECK, L. **Contornos da filosofia cristã**. Traduzido por Rodrigo Amorim de Souza, Editora Cultura Cristã, São Paulo, 2015. Edição Kindle, posição 160.

tenha se restringido a fenomenologia husserliana, ela foi utilizada como ferramental técnico e uma estrutura metodológica para seu sistema filosófico. A princípio, no que tange a intencionalidade – a consciência é sempre consciência de algo. Dooyeweerd foi influenciado por essa abordagem ao considerar a estrutura da experiência humana e como diferentes aspectos da realidade são apreendidos pela mente humana. Assim como, na questão da essência, embora crítico do idealismo de Husserl, também procurou entender a essência das coisas. Ele elaborou uma teoria das modalidades buscando identificar as diversas leis ou "esferas" de sentido que constituem a realidade. Semelhante à Husserl que utilizava um método descritivo rigoroso para explorar a estrutura da consciência e da experiência, Dooyeweerd adotou um método semelhante ao analisar as diferentes esferas modais da realidade, com detalhes como cada uma opera e como elas se inter-relacionam. Essa abordagem fenomenológica permitiu a Dooyeweerd desenvolver um sistema filosófico detalhado e estruturado.

Entretanto, a grande virada em seu entendimento foi marcada pela descoberta da raiz religiosa do próprio pensamento. Quando também uma nova luz foi lançada sobre a falha de todas as tentativas, incluindo a dele própria, de estabelecer uma síntese interna entre a fé cristã e uma filosofia radicada na fé na autossuficiência da razão humana<sup>9</sup>. O seu profundo envolvimento em questões diversas era em grande medida influenciado pelo ideal filosófico que propunha, partindo dos desenvolvimentos de Abraham Kuyper. Outro nome de destaque quanto as influências na filosofia desenvolvida por Dooyeweerd é o de Guillaume Groen van Prinsterer.

O ponto central da filosofia reformacional<sup>10</sup> tem como base a questão de que toda filosofia tem pressuposições religiosas, não teóricas, sem as quais ela não se realiza. Qualquer filosofia fracassa ao desejar ser “autônoma”, pois lhe falta consciência quanto aos seus pressupostos. Tal crítica é essencial para um ponto de vista cristão, mas também deveria ser condição primária de uma atitude de pensamento verdadeiramente crítica em todos os tipos de reflexão filosófica, independente do ponto de partida. Nisso temos, que a aceitação da autonomia do pensamento teórico foi elevada a uma condição intrínseca da verdadeira filosofia, sem ser submetida a um exame crítico da própria estrutura da atitude teórica. Ao realizar essa crítica, Dooyeweerd tem em mente a *Crítica da Razão Pura* desenvolvida por Immanuel Kant, a qual Dooyeweerd vai descrever como uma filosofia da “imanência”, uma vez que busca o critério de crítica dentro do próprio pensamento teórico.

Assim, a questão levantada por ele é se todas as correntes filosóficas que alegam

---

9 KALSBECK, L. **Contornos da filosofia cristã**. Traduzido por Rodrigo Amorim de Souza, Editora Cultura Cristã, São Paulo, 2015. Edição Kindle, posição 1237.

10 A filosofia inicialmente desenvolvida por Dooyeweerd e Vollenhoven recebeu o nome de reformacional.

estabelecer seu ponto de partida exclusivamente na razão teórica, de fato não tivessem pressupostos mais profundos, seria possível resolver todas as discussões que são travadas há séculos apenas de modo puramente teórico. Porém, isso está longe de acontecer.<sup>11</sup>

Então, como se configura a atitude teórica do pensamento e qual a sua estrutura interna? Dooyeweerd apresenta uma estrutura antitética na qual o aspecto lógico de nosso entendimento se opõe aos aspectos não lógicos de nossa experiência temporal. Nosso pensamento teórico é limitado pelo horizonte temporal da experiência humana e se move dentro desse horizonte. Na ordem temporal, essa experiência apresenta uma grande diversidade de aspectos fundamentais. Aqui temos um dos pontos principais da filosofia cosmonômica em relação ao ser humano, isto é, a experiência temporal funciona em uma multiplicidade de aspectos<sup>12</sup>, não somente no lógico. Qualquer tentativa de se absolutizar o aspecto lógico em detrimento dos demais aspectos não fará justiça quanto a experiência não teorizável (há algo anterior a teoria, o que o Dooyeweerd chama de pré-teórico<sup>13</sup>), a qual se expressa em um fluxo de coerência contínua no tempo.

### 3. O declínio do indivíduo: objetivo e absolutizado

A crítica de Kierkegaard quanto ao cristianismo e a igreja dinamarquesa é uma crítica contra o caráter objetivista dessa. O autor argumenta que as pessoas se tornaram objetivas demais para ter uma felicidade eterna, porque essa felicidade é inseparável, da atitude de interesse infinito, pessoal e apaixonado. É precisamente a isso que se renuncia para se tornar objetivo<sup>14</sup>. Em relação ao cristianismo, a objetividade é uma categoria muito infeliz: “aquele que tem um cristianismo objetivo e mais nada é *eo ipso* um pagão, pois o cristianismo tem a ver, justamente, com espírito, com subjetividade e com interioridade” (Kierkegaard, 2013, p. 31).

---

11 DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**. Trad. Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim de Souza. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018. p. 44.

12 Dooyeweerd parte de quinze aspectos: numérico, espacial, cinemático, físico, biótico, sensitivo-sentimental, lógico, histórico-cultural, linguístico, social, econômico, estético, jurídico, moral e fiduciário (fé ou crença). Outros autores que dialogam com a filosofia reformacional possuem pequenas diferenças nos nomes e nas categorizações.

13 Dooyeweerd distingue três modos de pensamento (1) Pré-teórica é uma atitude ordinária, é o modo cotidiano de “estar no mundo”, experimentando objetos e pessoas com totalidades concretas, (2) Teórica é uma abstração do pré-teórico e se reflete sobre ela, refratando numa multiplicidade de “modos” ou “aspectos”, (3) Supra-teórico é o campo onde se ultrapassa os limites do pensamento teórico, é o campo dos compromissos da fé.

14 KIERKEGAARD, S. A. **Pós-escrito às Migalhas Filosóficas, vol. I**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013. Edição Kindle, p. 31.

Dooyeweerd escreve algo semelhante a Kierkegaard: “nossa sociedade contemporânea não deixa espaço para a personalidade humana e para uma comunhão espiritual real de pessoa para pessoa” (Dooyeweerd, 2018, p. 225). O autor considera que a civilização ocidental moderna manifesta um declínio completo de seus traços pessoais. Ela transfere a responsabilidade do comportamento para a sociedade impessoal, para a massa de pessoas, para a multidão. A sociedade para ele parece estar sendo regida por robôs, por um cérebro eletrônico, pela burocracia, pela moda, pelas organizações e outros poderes impessoais. Com isso, o homem-massa médio e secularizado perdeu todo e qualquer interesse genuíno na religião. Nega quaisquer ideais mais elevados do que a satisfação de seus apetites. Nisso temos que essa crítica se encontra em Kierkegaard, já que para Kierkegaard o cristianismo estatal dinamarquês era essencialmente estético e objetivo, não era uma religião, um cristianismo autêntico.

Com isso, temos tanto em Kierkegaard como Dooyeweerd proponentes que encontram na pós-modernidade abertura para suas propostas, apesar de também oferecer desafios. A pós-modernidade<sup>15</sup> carrega traços da modernidade, porém aponta para os compromissos e pressupostos por trás de tudo que tradicionalmente está rotulado como “razão pura”. Assim, trazendo à baila a discussão do mito da neutralidade e da razão objetiva, de uma fé fundamentada no discurso filosófico. A crítica do indivíduo objetivo em Kierkegaard e as absolutizações do ego humano, em Dooyeweerd, possuem certas semelhanças quanto a busca de uma visão holística<sup>16</sup> do indivíduo.

#### 4. Esferas existenciais e esferas modais

A leitura Kierkegaard e Dooyeweerd nos coloca diante de conceitos com certa semelhança e também com certa diferença no que tange o conceito de esferas existências em Kierkegaard e a multiplicidade de esferas modais na antropologia desenvolvida por Dooyeweerd.

Segundo Kierkegaard: “há três esferas existenciais: a estética, a ética, a religiosa” (Kierkegaard, 2016, p. 217). Quanto a esfera estética temos uma busca da infinitude naquilo que é finito. Não é um aspecto onde a reflexão está abolida, pelo contrário, ela pode acontecer, mas recai em direção ao finito. Ocorre uma infinitização do que tem fim. Pode-se, inclusive, ter a religião como veículo. Com isso, na esfera ética temos o indivíduo tomando consciência que essa busca do infinito no finito é vã. Assim, o ético está ligado ao cumprimento da lei moral, diferente do estético que encontra a realização

---

15 Quando se fala em pós-modernidade, tem-se em mente proponentes como: Derrida, Foucault, Lyotard, Deleuze, Gadamer e Heidegger.

16 Holístico aqui é usado ligado a ideia do indivíduo na totalidade, não apenas na absolutização de um aspecto da realidade, seja histórico, biótico, físico, ético, fiduciário, etc. Onde os aspectos devem ser considerados não isoladamente, de maneira reducionista, mas interligados.

no desejo do prazer. Com isso, temos a ironia como o ponto limite entre o estético e o ético. Entretanto, o cumprimento da lei se torna um fardo pesado aos comprometidos em segui-la. Em sequência, vemos nesse ponto como o humor ressalta a contradição da fundamentação da existência na ética. Logo, no aspecto religioso, Kierkegaard, bifurca duas possibilidades chamadas de “A” e “B”. Na “A” há a admissão da necessidade de Deus para produzir o si mesmo, entretanto, é uma relação imanente com Deus. Já na “B” não encontra Deus em nenhuma relação imanente e também não consegue tornar a si mesmo. Nisso surge o paradoxo da presença do eterno no tempo na figura do Deus em Cristo Jesus, possibilitando assim a efetivação da síntese que destrutura o desespero<sup>17</sup>.

Em resumo, Kierkegaard, entende as três esferas da seguinte forma:

Enquanto que a existência em termos estéticos é essencialmente gozo, e a existência em termos éticos é essencialmente luta e vitória, em termos religiosos a existência é sofrimento, e não como um momento transitório, mas como um acompanhamento contínuo (Kierkegaard, 2013, p. 287).

Ou seja, os estágios seguem em formato de jornada, o tornar a si mesmo, parte do estágio estético, salta qualitativamente para o ético e culmina também em um salto para o religioso, se a síntese for bem executada. A execução com sucesso dessa síntese implica viver na finitude e na temporalidade sem ser refém dela (Ross, 2022, p. 136). Logo, Kierkegaard considera que a síntese só é efetivada de modo correto quando repousa no poder de quem a estabeleceu: Deus. Não um deus genérico, mas na figura paradoxal de Jesus, o Deus eterno e infinito revelado no finito da temporalidade<sup>18</sup>.

Já em Dooyeweerd, sua antropologia começa afirmando que o ego humano, o centro da vida, o qual as Escrituras chamam de coração, não pode ser definido por nenhuma esfera modal da realidade. As esferas de experiência pertencem ao tempo, sendo essas esferas: numérica, espacial, cinemática, física, biótica, sensitiva, lógica, cultural (histórica), linguística, social, econômica, estética, jurídica, ética, fiduciária.

Nosso horizonte temporal empírico tem um aspecto numérico, um aspecto espacial, um aspecto de movimento extensivo, um aspecto de energia no qual experimentamos as relações físico-químicas da realidade, um aspecto biótico, ou vida orgânica, um aspecto de sentimento e sensação, um aspecto lógico, isto é, a forma analítica de distinção em nossa experiência temporal que se localiza no fundamento de todos os nossos conceitos e julgamentos lógicos. Em seguida, há um aspecto histórico, em que experimentamos o modo cultural de desenvolvimento de

---

17 O conceito de desespero em Kierkegaard está ligado ao mal relacionamento com a angústia que leva o indivíduo a se agarrar a um dos polos da síntese que o constitui.

18 Uma clara referência a doutrina bíblica da Encarnação.

nossa vida social. Este é seguido pelo aspecto de significação simbólica, localizado no fundamento de todo o fenômeno linguístico empírico. Há ainda o aspecto de intercurso social, com suas regras de cortesia, polidez, boa postura, moda, e assim por diante. Este modo experiencial é seguido pelos aspectos econômico, estético, jurídico, moral e finalmente, pelo aspecto da fé ou crença (Dooyeweerd, 2018, p. 48-39).

Assim, essas esferas existem em uma consciência teórica, pois a realidade experiencial é uma totalidade concreta. Identificar um ser humano com algumas esferas em detrimento de outras, seria reduzi-lo, haveria nessa prática um reducionismo ou o que podemos chamar também de absolutização. Para Dooyeweerd não existe um eu ético ou um eu estético, por exemplo.

Enquanto em Kierkegaard as esferas são simultâneas com uma relação essencial entre elas (o estético com o ético e o ético com o religioso), em Dooyeweerd vemos elas operando conjuntamente. Em uma refração múltipla da experiência cotidiana, o que encontra maior encaixe empírico na realidade em sua totalidade. Kierkegaard não queria expurgar os outros aspectos ao se alcançar os posteriores, mas acreditava que não é possível, por exemplo, ter o aspecto estético como base da existência. Os limites e os desenvolvimentos dos estágios em Kierkegaard são imprecisos e ambíguos, não sendo possível esquematizar de maneira rígida esses conceitos.

Os dois desenvolvimentos rompem com o objetivismo e com a abstração apenas de uma esfera, demonstrando que o ser no mundo opera em uma realidade multiesférica. Entretanto, em Dooyeweerd, ao nos relacionarmos com a experiência temporal não buscamos potencializar um aspecto em detrimento dos outros devido a eles atuarem de maneira conjunta e unívoca. Eles estão postos, não sofrem desenvolvimentos isolados para existirem no indivíduo, isso também porque apesar de se teorizar separadamente as esferas (modalidades), elas fazem parte da experiência que chega até o indivíduo de maneira una. Todos operaram em todos os aspectos, eles querendo ou não. A diferença será em como essa operação se efetiva na individualidade do ser.

## 5. O historicismo e o histórico-universal

Na sequência, temos outro ponto que encontra certa convergência entre Kierkegaard e Dooyeweerd e nos servirá como exemplo para expor uma esfera modal sendo absolutizada, reduzindo assim o ser humano a ela. Importante se ter em mente, logo de início, que o aspecto histórico em Dooyeweerd não se refere genericamente aos acontecimentos do passado, mas sim a significância do acontecimento para a formação de uma cultura humana.



Kierkegaard utiliza o histórico de maneira a considerar fatos ligados ao passado que também não são genéricos. A sua crítica do histórico toca, em um primeiro momento, no como o cristianismo dinamarquês estava assumindo o caráter objetivo da história em detrimento da subjetividade do indivíduo. Segundo ele, a maior certeza em relação ao histórico está ligada a ser “apenas uma aproximação, e uma aproximação é algo pequeno demais para que se construa sobre ela alguma felicidade, e é tão diferente da felicidade eterna que nenhum resultado pode surgir dela” (Kierkegaard, 2013, p. 28). Kierkegaard considera o tornar-se cristão, a felicidade eterna, como não estando posto apenas sobre o histórico:

Ai, a desgraça é que em relação a um fato histórico eu só posso obter uma aproximação. Meu pai o disse; consta no livro de registro da paróquia; eu tenho um certificado, e assim por diante. Ó, sim, eu estou tranquilo. Mas deixa uma pessoa ter bastante paixão para alcançar o significado de sua própria felicidade eterna, e então a deixa tentar ligá-la ao fato de ter sido batizada — ela desesperará (Kierkegaard, 2013, p. 44).

Assim, ele combate o pensamento hegeliano acerca que a verdade é o contínuo processo histórico universal. Onde cada geração, cada estágio deste processo está legitimado<sup>19</sup>.

Dooyeweerd, em uma linha de pensamento semelhante, escreve:

Um dos mais alarmantes sintomas do início de uma crise fundamental da cultura ocidental, desde as últimas décadas do século XIX, foi o surgimento de uma visão de mundo e da vida radicalmente historicista. Essa visão não deixa lugar a outra perspectiva senão um niilismo espiritual cujo *moto* é: ‘Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos (Dooyeweerd, 2018, p. 107-108).

Ou seja, se a esperança última está alicerçada sobre uma cultura, a um espírito do tempo, não há, de fato, uma esperança, cai-se em um niilismo. O autor continua:

Mesmo o centro religioso da experiência humana, o ego humano ou eu, é reduzido a um fluxo contínuo de movimentos históricos da consciência [...] O homem está completamente encerrado nela [na história], e não pode elevar-se a um nível de contemplação supra-histórico. A história é a essência e a finalidade da existência do homem e de suas faculdades experimentais (Dooyeweerd, 2018, p. 108).

Logo, na concepção de Dooyeweerd, o aspecto histórico foi um fator debilitante quanto ao ego humano porque aprisionou o homem, o reduziu, e o levou para longe de

---

19 KIERKEGAARD, 2013, p. 50.

uma contemplação além do histórico. Em Kierkegaard se vê que essa aceitação acrítica do pensamento hegeliano do histórico-universal não possibilitaria o indivíduo caminhar em direção ao tornar-se cristão ou o tornar-se a si mesmo. Da mesma forma que ocorre para o histórico, é possível ocorrer para outros aspectos como o físico/biológico, tendo como o exemplo na psicologia, o behaviorismo, na lógica com o logicismo, ou até na fé com o fideísmo.

## 6. A existência transcendental

Tendo esse plano de fundo exposto quanto aos dois autores, chegamos no conceito central na filosofia kierkegaardiana — a existência. Mas o que é a existência? Kierkegaard escreve: “é aquela criança que foi gerada pelo infinito e o finito, pelo eterno e o temporal, e que, por isso, está continuamente esforçando-se” (Kierkegaard, 2013, p. 88). Mais à frente em sua obra dos *Pós-escritos às migalhas filosóficas*, ele continua: “mesmo que o homem ocupe toda a sua vida exclusivamente com a lógica, ainda assim ele não se transforma só por isso na lógica, ele próprio, portanto, existe em outras categorias” (Kierkegaard, 2013, p. 89). O autor afirma:

A existência mesma é um sistema — para Deus, mas não pode sê-lo para algum espírito existente [...]. Visto abstratamente, sistema e existência não se deixam pensar conjuntamente, porque, para pensar a existência, o pensamento sistemático precisa pensá-la como suspensa e, portanto, não como existente. Existência é o que abre espaço, que aparta um do outro, o sistemático é a completude, que reúne (Kierkegaard, 2013, p. 111).

Portanto, a existência é entendida com uma abertura, um processo que se desenvolve no âmbito da temporalidade e da liberdade<sup>20</sup>. O existir não possui parâmetros objetivos para ser realizado. O conhecimento é sempre aproximativo. Não há como não assumir riscos e responsabilidades em direção ao tornar a si mesmo na existência. Ao assumir um modo de vida, posturas éticas, sentido para essa vida e as consequências disso, coloca-se em um porvir desconhecido, o que Kierkegaard chama de salto; envolve esforço, decisão e fé. O conhecimento é relevante, mas não pode servir de fundamento de nossas decisões existenciais<sup>21</sup>. Nada está ou vem pronto, é uma jornada para tornar-se si mesmo ou tornar-se cristão. É necessário a angústia da possibilidade da realização da síntese entre o finito e o infinito, tendo no desespero o sinal da síntese mal efetivada, e a fé, o paradoxo, o amor e a repetição como elementos da correta efetivação. Não há como se entender a existência em Kierkegaard se não se

<sup>20</sup> ROSS, 2022, p. 116.

<sup>21</sup> KIERKEGAARD, 2013, p. 123.

entender que para ele o ser humano é concebido em uma síntese e que essa realização da síntese se dá por um processo constante.

Mas seria então o autoconhecimento, a efetivação do ser, estritamente individual e subjetivista? Dooyeweerd contribui com essa questão ao afirmar:

O mistério do eu humano é que ele é, de fato, nada em si mesmo; quer dizer, ele é nada enquanto tentamos concebê-lo à parte de suas três relações centrais que, sozinhas, lhe dão sentido. Em primeiro lugar, nosso ego humano relaciona-se com toda a nossa existência temporal e com a nossa experiência integral no mundo temporal como ponto de referência central deste último. Em segundo lugar, ele se encontra, de fato, numa relação comunal essencial com o ego de seus semelhantes. Em terceiro lugar, ele aponta para além de si mesmo em direção à relação central com sua Origem divina, a cuja imagem o homem foi criado (Dooyeweerd, 2018, p. 232).

Roy Clouser, um autor que dialoga com a filosofia reformacional empreendida por Dooyeweerd, toca ainda mais fundo no dualismo objetivismo *versus* subjetivismo.

É possível perceber como uma ideia não reducionista na estrutura de leis cósmica pode nos livrar das garras de um dos antigos dilemas que assolaram as teorias tradicionais da realidade: o dilema do objetivismo versus subjetivismo. Essa questão pode ser mais bem compreendida se vista como uma controvérsia entre respostas contrárias à questão: qual é a fonte das leis que fornece ordem à criação? Enquanto o objetivista localiza a fonte da ordem nos objetos da experiência humana, o subjetivista localiza a ordem na mente do sujeito cognoscente (Clouser, 2020).

Entretanto, tanto para Kierkegaard como para Dooyeweerd a razão humana não é uma substância independente; é um antes instrumento. Não é o aspecto central, mas faz parte do processo da busca do eu humano e da subjetividade do indivíduo. Essa busca da existência na razão, isto é, no intelecto, é tomada da filosofia grega. Dooyeweerd afirma que na visão grega não havia espaço para o centro real, isto é, o centro religioso de nossa existência, chamado nas Escrituras de coração, a raiz espiritual de todas as manifestações temporais da nossa vida<sup>22</sup>.

Dooyeweerd, reserva parte da sua obra *No crepúsculo do pensamento ocidental*, para criticar a filosofia existencialista, algo que num primeiro momento poderia incluir Kierkegaard, pois ele é considerado por alguns autores um existencialista. Entretanto, quando pensamos no estágio religioso desenvolvido por Kierkegaard, vemos que a crítica dooyeweerdiana irá combater outros autores e não Kierkegaard de maneira

---

22 DOOYEWEERD, 2018 p. 236.

direta. Isso devido a Kierkegaard, apesar de isso não ser tão claro em seus escritos, considerar a efetivação do tornar-se a si mesmo ou do tornar-se cristão dependente do fator transcendente. No caso da divisão “B” do estágio religioso, pelo Cristo que tem em si a síntese do finito e do infinito, do temporal e do eterno<sup>23</sup>. A divisão “A” conflitará com a crítica dooyewerdiana já que ela tem Deus na imanência. Dooyeweerd afirma:

A ideia de que um verdadeiro autoconhecimento possa ser restabelecido por meio de uma filosofia existencialista à parte da Palavra-revelação<sup>24</sup> divina, nada mais é que a velha ilusão de que o eu é algo em si mesmo, independente do Deus que se revelou como o Criador (Dooyeweerd, 2018, p. 241).

Assim, Kierkegaard apesar de ter lançado alicerces filosóficos importantes quanto ao voltar-se à singularidade do indivíduo, careceu de considerar questões relevantes. Questões essas na qual Dooyeweerd amplia ao considerar que o ego humano só é concebido frente as três relações: do ego com a experiência temporal e integral, do ego com os outros e do ego com sua Origem<sup>25</sup>.

Quanto a Origem, inclusive, há algo caro à filosofia reformacional — a ideia de lei ou “ideia cosmonômica”. Dooyeweerd argumenta que todo sistema filosófico é baseado em algum tipo de ideia de lei, quer o próprio filósofo explique ou não, ou até admita ou não. Sendo essa ideia de lei moldada pelo ponto de partida arquimediano<sup>26</sup>

23 Gerrit Glas, em *The Thinker and the Truth. Bringing Søren Kierkegaard in Discussion with Reformational Philosophy* afirma: "Há mais em Kierkegaard do que o proto-existencialismo que os intérpretes posteriores fizeram dele. Para mencionar um ponto óbvio, o cristianismo de Kierkegaard não é superficial, não é apenas a cereja do bolo. Ele está no coração de seu esforço filosófico.

Os filósofos existencialistas tendem a ignorar a inclinação ética e religiosa do pensamento de Kierkegaard. Dessa forma, conceitos-chave como o indivíduo, a paixão e o momento recebem uma coloração inspirada em um humanismo a-religioso (como em Heidegger) e em uma noção negativa de liberdade (ausência de determinação), como em Sartre.

No entanto, obras como "O Conceito de Angústia" e "Doença para a Morte", mostram com clareza que a liberdade dos autores pseudônimos de Kierkegaard não é negativa, mas positiva; mais especificamente, essa liberdade encontra sua realização em um aprofundamento da relação eu-self que resulta de um aprofundamento do relacionamento com um Deus eterno, que se encarnou na história.

24 A revelação de Deus nas Escrituras, distinta da revelação na criação.

25 Reforçando que o ponto de apoio está fora do pensamento teórico, tendo a Origem como transcendental e transcendendo os aspectos modais. Qualquer proposta imanente de origem recairá em reducionismos.

26 Um ponto de apoio para mover um peso. Para a tradição filosófica, em geral, esse ponto de apoio seria o pensamento racional. Para Dooyeweerd, esse ponto de apoio é o coração humano e não a racionalidade, ela é apenas um dos aspectos.

e pelo motivo-base<sup>27</sup> que a dirige. Embora exija formulações, o ponto arquimediano distintamente cristão deve partir da fé verdadeira na revelação de Deus da qual Jesus Cristo é o centro<sup>28</sup>, encontrando assim certa relação com a esfera religiosa “B” em Kierkegaard.

Embora Kierkegaard não tenha construções claras quanto a Criação, ele toca no tema ao afirmar a divindade na criação, em toda parte na criação, mas não está lá de maneira direta, e apenas quando o indivíduo singular se volta para dentro de si mesmo (portanto, só na interioridade da autoatividade), torna-se atento e capaz de ver a Deus<sup>29</sup>. Uma visão que tem seus limites ao se comparar com a de Dooyeweerd, isso também porque essa questão em específico é essencial no desenvolvimento da ideia de lei<sup>30</sup> e não é algo que Kierkegaard se ocupa para suas formulações quanto aos estágios. Apesar da questão de o finito/infinito sugerir a existência de diferenças essenciais entre o ser humano e Deus. Porém, como essas diferenças efetivamente se desvelam e se relacionam na criação e no Criador é algo que nos foge em Kierkegaard.

Algo que em Dooyeweerd se vê com maior profundidade, para ele o cosmo tem a vontade soberana e santa do Criador como sua Origem. O autor crê ser Deus a Origem da ordem da lei cósmica, não estando ele mesmo sujeito às suas próprias leis. Este cosmo é uma totalidade coerente de estruturas de individualidade que inclui plantas, animais e seres humanos, bem como seus relacionamentos sociais. Também inclui estruturas como a terra, o Sol, a Lua, as estrelas, as galáxias, e assim por diante. Todas essas estruturas exibem um número de aspectos modais, do numérico ao fiduciário. Cada aspecto, portanto, compreende uma esfera de leis ou normas peculiares a ele, a esfera de lei.<sup>31</sup>

Assim, tudo funciona em todos os aspectos, mas cada estrutura de individualidade apresenta um aspecto central que caracteriza a própria estrutura. Por exemplo, o aspecto físico é central a estrutura de individualidade de uma pedra e o biótico caracteriza uma planta. Com isso, em cada esfera modal pode se distinguir dois lados: lado-lei e o lado-sujeito. Por um lado, existe a lei ou norma peculiar a esta modalidade; por outro lado existe aquilo que está sujeito a esta lei, ou norma. Na visão do autor, o lado-lei não é

---

27 Sentido de motivação fundamental; força motriz. Um termo importante para Dooyeweerd em sua classificação dos motivos-bases que regem ou regeram a sociedade. Em resumo, ele classifica em quatro: (1) Matéria/forma, (2) Natureza/gracia, (3) Natureza e Liberdade e (4) Bíblico triádico (criação, queda e redenção)

28 KALSBECK, 2015, posição 1528.

29 KIERKEGAARD, 2013, p. 241.

30 O desenvolvimento teórico da Criação e Criador vai refletir no motivo-base bíblico desenvolvido por Dooyeweerd.

31 KALSBECK, op. cit., posição 1536.

afetado pelo pecado. Dooyeweerd denomina este todo temporal da ordem do mundo de ordem de lei cósmica.<sup>32</sup>

Tendo em vista a ideia de lei cosmonômica e o tri-perspectivismo dooyeweerdiano, temos que a maioria do pensamento teórico acaba abordando apenas um ou dois pilares desse tripé ou absolutizando o aspecto central que caracteriza a estrutura. Não fazendo diferenciação entre o lado-lei e o lado-sujeito, reduzindo assim o homem há um ou dois aspectos em detrimento dos demais. Dooyeweerd escreve:

Ora, é evidente que o verdadeiro ponto de partida de uma síntese ou união teórica entre os modos experienciais lógicos e os não lógicos, seja qual for a forma de escolhê-los, não pode ser encontrado em um dos termos da relação antitética. Ele deve necessariamente transcender a antítese teórica e relacionar os aspectos que foram dissociados e opostos um ao outro em uma unidade central de nossa consciência. Pois uma coisa é certa: a relação antitética, com a qual a atitude teórica de pensamento permanece de pé ou cai, não oferece em si mesma uma ponte entre o aspecto lógico e os modos experienciais não lógicos opostos a ele (Dooyeweerd, 2018, p. 61).

Logo, Dooyeweerd apresenta uma possibilidade mais refinada quanto a proposta central de Kierkegaard de efetivar o “tornar-se a si mesmo”. Essa possibilidade parte da Palavra-revelação, quando aplicada, desvela a raiz religiosa e o centro da natureza em sua criação, queda e redenção em Jesus. Porque o autoconhecimento passa primeiramente pelo conhecido de Deus. Segundo ele: “O homem perdeu o verdadeiro autoconhecimento desde que perdeu o verdadeiro conhecimento de Deus. Todos os ídolos do ego humano, que o homem projetou em sua apostasia, se quebraram quando confrontados com a Palavra de Deus” (Dooyeweerd, 2018, p. 244). O tri-perspectivismo proposto por Dooyeweerd encontra em um realismo crítico maior encaixe na realidade a considerar a experiência ingênua como sendo pré-teórica, mas que avança em uma teorização quanto aos aspectos modais antropológicos, tendo como central e dependente o supra-teórico.

## 7. Considerações Finais

Kierkegaard, em sua filosofia existencial, enfatiza a subjetividade e a individualidade, criticando a objetividade excessiva que, segundo ele, desumaniza e impede a verdadeira felicidade eterna. Sua categorização do ser em três estágios — estético, ético e religioso — reflete uma jornada contínua e dialética em busca de si

---

<sup>32</sup> Ibid, posição 1543.

mesmo, onde a existência é um processo aberto e dinâmico, marcado por decisões e saltos qualitativos.

Dooyeweerd, embora sob a influência da fenomenologia, avança os pressupostos husserlianos e fundamenta sua filosofia reformacional na crítica à autonomia do pensamento teórico e na importância dos pressupostos religiosos. Ele propõe uma visão holística do ser humano, integrado em uma multiplicidade de esferas modais que abrangem diferentes aspectos da realidade. Sua abordagem destaca a experiência humana como multidimensional, onde todas as esferas operam conjuntamente, sem a absolutização de qualquer aspecto específico.

A convergência entre os dois filósofos é evidente em suas críticas à modernidade e à objetividade desumanizadora. Ambos defendem que a verdadeira compreensão do ser humano e da existência transcende a mera racionalidade teórica, envolvendo uma relação mais profunda com a subjetividade e com a realidade transcendental. Kierkegaard oferece, assim, uma antecipação ao pensamento dooyeweerdiano quanto a compreensão do ser humano como um ente multifacetado, em constante desenvolvimento e interação com o temporal e o eterno, com o individual e o comunitário, e com o finito e o infinito.

Em suma, a filosofia da existência de Kierkegaard e a filosofia reformacional de Dooyeweerd, embora distintas em suas abordagens e metodologias, convergem na crítica à objetividade excessiva, na valorização da subjetividade e da totalidade da experiência humana. Assim, convidando a uma reflexão mais profunda sobre o papel da fé, da subjetividade e da experiência na construção da identidade e do sentido do ego humano.

## Referências Bibliográficas

CLOUSER, Roy. **O mito da neutralidade religiosa**: um ensaio sobre a crença religiosa e seu papel oculto no pensamento teórico. Tradução: Fabricio Tavares de Moraes e Rodolfo Amorim. Brasília, DF, Editora Monergismo, 2020. Edição Kindle.

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**. Trad. Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim de Souza. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018. 275 p.

GLAS, G. **The Thinker and the truth bringing Søren Kirkegaard in discussion with reformational philosophy**. *Philosophia Reformata* 77, 2, 155-181, 2012. Disponível em: Brill [https://brill.com/view/journals/phir/77/2/article-p155\\_5.xml](https://brill.com/view/journals/phir/77/2/article-p155_5.xml). Acessado em 11 de dezembro de 2023.

KALSBECK, L. **Contornos da filosofia cristã**. Traduzido por Rodrigo Amorim de Souza, Editora Cultura Cristã, São Paulo, 2015. Edição Kindle.

KIERKEGAARD, S. A. **Pós-escrito às Migalhas Filosóficas, vol. I**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013. Edição Kindle. 309 p.

\_\_\_\_\_. **Pós-escrito às Migalhas Filosóficas, vol. II**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016. 345 p.

LÖWITH, Karl. **De Hegel a Nietzsche: a ruptura revolucionária no pensamento do século XIX: Marx e Kierkegaard**. Tradução de Flamarion Caldeira Ramos e Luiz Fernando Barrére Martin. São Paulo: Editora Unesp, 2014. 458 p.

MESNARD, Pierre. **Kierkegaard**, Tradução: Rosa Carreira. Lisboa - Portugal. Edições 70, 2003. 86 p.

ROSS, Jonas. **10 lições sobre Kierkegaard**. 2ª ed. revista - Petrópolis/RJ: Vozes, 2022. 149 p.